

TEORIAS DA APRENDIZAGEM: A RELAÇÃO ENTRE CONSTRUTIVISMO E A GESTÃO DO CONHECIMENTO

Reinaldo Repinasi dos Santos¹
Reginaldo Aliçandro Bordin²
Leticia Fleig Dal Forno³

RESUMO

O presente ensaio é um estudo bibliográfico a partir da discussão sobre as Teorias de Aprendizagem abordadas no artigo de Donizeti Leandro Souza, Jorgiane Suelen Sousa; Lílian Ferrugin e André Luiz Zambalde, da Universidade Federal de Lavras (UFLA) e de outros autores referenciados no texto intitulado *Teorias da Aprendizagem e Gestão do Conhecimento: um alinhamento Teórico*. Ele procura contribuir para o debate a respeito da relação estabelecida entre Gestão do Conhecimento e Teoria da Aprendizagem Construtivista, tal é o objetivo deste ensaio. A partir da apresentação bibliográfica, é possível compreender alguns princípios e características de Gestão do Conhecimento e de seus principais ciclos apresentados na literatura sobre o assunto. É também aceitável desenvolver a relação da Gestão do Conhecimento com a Teoria Construtivista, já que aquela se apropriou de conceitos e categorias pertencentes ao construtivismo. Para o cumprimento do objetivo proposto, realizou-se uma aproximação do Modelo SECI de Nonaka e Takeuchi e da definição sobre a Teoria Construtivista. Assim, na conclusão, apresentam-se observações a partir da relação estabelecida.

Palavras-chave: Gestão, Conhecimento, Aprendizagem, Construtivismo.

INTRODUÇÃO

O presente texto tem como objetivo central estabelecer a relação entre Gestão do Conhecimento (GC) e a Teoria da Aprendizagem Construtivista a partir da leitura do artigo *Teorias da Aprendizagem e Gestão do Conhecimento: um alinhamento Teórico* (2013), escrito por Donizeti Leandro Souza, Jorgiane Suelen Sousa; Lílian Ferrugin e André Luiz Zambalde, da Universidade Federal de Lavras (UFLA, 2013), abordando considerações sobre o Behaviorismo, Inteligências Múltiplas e Teoria Construtivista.

¹ Pedagogo e Mestrando em Gestão do Conhecimento nas Organizações pela Universidade Cesumar Maringá – Unicesumar - PR Bolsista Institucional, reinaldomestre2031@gmail.com;

² Doutor em Educação, UEM, Maringá -Pr. Docente do Programa de Pós-Graduação em Gestão do Conhecimento nas Organizações, da Universidade Cesumar Maringá – Unicesumar - PR e bolsista produtividade e pesquisador do Instituto Cesumar de Ciência, Tecnologia e Inovação (ICETI), reginaldo.bordin@unicesumar.edu.br;

³ Doutora em Educação pela Universidade de Lisboa e Docente no Programa de Pós-graduação em Gestão do Conhecimento nas Organizações (PPGGCO) na Universidade Cesumar Maringá – Unicesumar - PR, Brasil; Bolsista produtividade em pesquisa do ICETI – Instituto Cesumar de Ciência, Tecnologia e Inovação, Maringá, Paraná, Brasil, leticia.forno@unicesumar.edu.br;

Pela apresentação do resultado da pesquisa referida, direciona-se a possibilidade de contribuição da geração de conhecimento acerca da educação com o olhar da aprendizagem ligada à Gestão do Conhecimento.

A escolha pela análise da Teoria da Aprendizagem Construtivista justifica-se pela intenção de estabelecer paridade com a Gestão do Conhecimento em face da importância que adquiriu nos debates acadêmicos e de sua inserção social. Para que seja estabelecida a relação do Construtivismo com a Gestão do Conhecimento, optou-se por realizar uma breve caracterização de cada um dos conceitos abordados para a descrição deste estudo, entre os quais a de Gestão do Conhecimento e Teorias de Aprendizagem.

Sobre esse assunto é possível considerar o fato de que tais temas incidem diretamente na educação. Santos et al. (2019), enfatizam que o âmbito educacional acompanhou todo o movimento da sociedade da Informação, que se globalizou. Esse movimento, impôs maior ênfase na competitividade que assegura sua manutenção pela aplicação adequada do conhecimento. Ele é considerado uma via motriz de preponderante importância ao desenvolvimento organizacional e social. Na perspectiva de globalização competitiva com incidência pela informação e conhecimento organizacional, é que se denota a importância da aproximação da Gestão do Conhecimento com as Teorias de Aprendizagem, mais especificamente com a Teoria Construtivista. Isso se deve pelo seu caráter interacionista, contribuindo para o contexto educacional em face de abertura de novas possibilidades de fazer pedagógico associado à essa nova demanda social, que é a globalização aliada à valorização do conhecimento individual e coletivo (SANTOS; DAMIAN; VALENTIM, 2019).

Conforme apontamentos de Souza (2013) a discussão sobre as teorias, Behaviorista, Inteligências Múltiplas e Teoria Construtivista, associadas ao fato de se estabelecer uma relação com a Gestão do Conhecimento, surge pela necessidade de se ter uma compreensão criteriosa sobre a mudança da sociedade que, atualmente, se faz mais exigente quanto aos anseios do mercado de trabalho e mercado consumidor. Tal exigência repercute em uma modificação de como gerir organizações, pautando-se em construção/armazenamento/refinamento e transformação do conhecimento, uma vez que para fazer um trabalho de gestão da informação através de um gerenciamento perspicaz, nas empresas, torna-se muito desafiador (CARVALHO, 2012).

Assim, pela manutenção da sociedade capitalista, compreende-se a necessidade respondente à Gestão do Conhecimento, de se estabelecer um domínio mercadológico que ampare todas as relações sociais. Essa concepção repercute na educação uma vez

que a ela é atribuída a incumbência de reproduzir valores (ideológicos, morais, científicos, entre outros) e inserir o formando no ambiente de competição. Para Gleiser (1998), a informação é sinônimo de poder, todavia, sem educação não há como ter acesso à informação, sobretudo, numa época em que impera um sistema econômico unificado. Nesse momento, a economia apresenta-se alinhada à tecnologia e, como tal, informação e conhecimento, são tidos como essenciais e, por isso, há exigências na qualidade do sistema educacional para o êxito de uma nação.

Nessa perspectiva, abordagens que defendem o interacionismo, buscam tirar o indivíduo de estado de passividade, elevando-o à condição de construtor de conhecimento, desenvolvendo sabedoria o suficiente para contribuir com o meio organizacional ao qual pertence. Assim, Fialho (2006) contribui com essa construção à medida que elucida a informação de que o processo de criatividade do indivíduo deve ser incentivado com vistas a ser gerido pela empresa como foco na renovação das atividades desenvolvidas e corporificação do conhecimento novo aos ativos principais da organização.

Além desta introdução, apresenta-se na segunda seção as definições das teorias abordadas no artigo de referência para a escrita desse trabalho. Na terceira seção, foram descritas algumas considerações quanto aos conceitos de Gestão do Conhecimento e sua caracterização no meio organizacional. Na quarta seção a apresentação da Teoria Construtivista aliada à um modelo de Gestão do Conhecimento e, na última, uma conclusão acerca de todo levantamento teórico apontado explicitando a relação de Gestão do Conhecimento com a Teoria Construtivista.

METODOLOGIA

Para a realização deste trabalho desenvolveu-se um estudo bibliográfico a respeito da Teoria Construtivista e da Gestão do Conhecimento, tendo tomado por base o artigo *Teorias da Aprendizagem e Gestão do Conhecimento: um alinhamento Teórico* (2013), e posteriormente um aprofundamento de algumas referências trazidas pelos autores deste artigo. Caracterizou-se como uma pesquisa bibliográfica a fim de responder ao problema proposto na introdução, que visa estabelecer a relação entre Gestão do Conhecimento e a Teoria da Aprendizagem Construtivista.

Reitera-se que a pesquisa bibliográfica se reforça pela busca de conhecimento organizado nas áreas da Biblioteconomia e Documentação, colaborando para o

desenvolvimento deste estudo pelo fornecimento de informações, dados e conhecimentos que, de forma certa, deram à escrita deste trabalho em seu caráter científico (SALOMON, 2004).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No cumprimento da finalidade que se estabeleceu, espera-se compreender que as teorias vinculadas à Gestão do Conhecimento, sobretudo a de Nonaka e Takeuchi parecem estabelecer relação com as teorias de aprendizagem Behaviorista, Teoria das Inteligências Múltiplas e Teoria Construtivista. Em face disso, faz-se necessário a compreender que tais teorias vislumbram a possibilidade de contribuir com o crescimento e desenvolvimento social que estão ligados à ascensão do capital intelectual presente nas organizações. No entendimento de Souza et al. (2013), essa condição expressa o caráter valorativo quando se entende o mecanismo e os princípios dessas teorias. Isso se deve pelo fato de que é imprescindível compreender a maneira como os indivíduos aprendem e agregam valor ao capital intelectual de uma organização.

Dessa maneira, parece que as teorias das organizações se inspiram nas abordagens cognitivas que enfatizam o aprender na interação e nas teorias comportamentalistas. Sobre o Behaviorismo, sua inserção como método de direcionamento/compreensão do comportamento humano, origina-se a partir das correntes teóricas de John B. Watson (1878-1958), Ivan P. Pavlov (1849-1936) e Burrhus Frederic Skinner (1904-1990), ao analisar o desenvolvimento da aprendizagem a partir de estímulos que oportunizavam a troca de assimilação de ideias entre os indivíduos. Ressalta-se ainda que a teoria behaviorista, em suas diversas correntes, tem maior relevância de discussão teórica as correntes preponderantes, Metodológica e a Radical.

Ostermann e Cavalcanti (2011), reporta à Watson o Behaviorismo Metodológico, que preconizava a aprendizagem como produto da relação do ser humano com o ambiente no qual está inserido, aprendendo apenas por este meio, refutando a aprendizagem pela investigação de outros mecanismos mentais que não se concretizem pela observação e apreciação de fatos, favorecendo o pensamento de que o comportamento humano se torna algo previsível.

Posteriormente, Skinner define Behaviorismo Radical, de modo que o comportamento modificar-se-á pela interação do indivíduo com o meio. Bizerra e Ursi (2014) elucidam o pensamento de Skinner apontando sua concepção behaviorista como um processo de aprendizagem capaz de evidenciar todas as formas de alteração de comportamento, desenvolvendo visão universal para validar o processo de aprendizagem.

Desse modo, Costa et al (2014), evidenciam o Behaviorismo Radical como um conjunto de interpretações filosóficas apoiadas por uma investigação sistemática conhecida como Análise Experimental/Funcional do Comportamento. Nesse viés, entende-se que o conhecimento se revela como uma ferramenta que os indivíduos possuem e que podem disseminar a outros, de modo que não importa as diferenças das realidades vividas, dando ênfase ao processo de aprendizagem pelo diálogo e troca de experiências de forma colaborativa (COSTA et al., 2014).

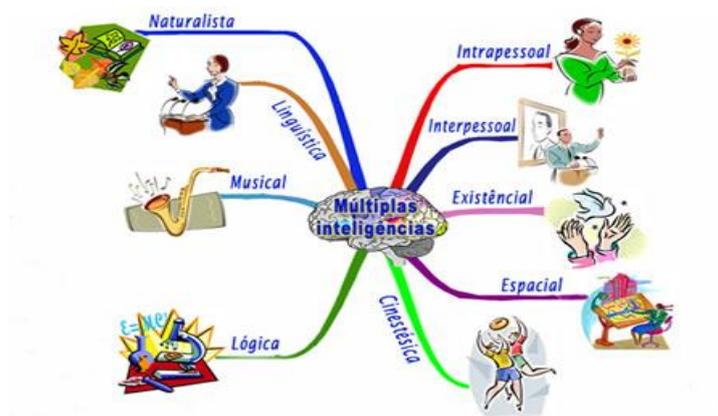
Respectivamente, a respeito das teorias de aprendizagem, outra teoria abordada no artigo citado para este estudo, é a das Inteligências Múltiplas, não menos importante que o Behaviorismo. Conforme Gardner (2000), esta corrente teórica se diferencia da anterior por identificar que a mente do ser humano já tem uma experiência solidificada que é capaz de, quando em contato com novas experiências, expandir sua capacidade de conhecimento e operacionaliza novas ações a partir dessa Mesclagem de informações, enquanto que os behavioristas partem da premissa de que os indivíduos estão vazios e vão sendo preenchidos de conhecimentos sem que haja a reflexão das informações adquiridas, apenas internalizando-as e reproduzindo-as.

Silva (2016) contribui com estudos que sinalizam a Teoria das Inteligências Múltiplas, como uma maneira de responder a novos perfis e direcionamentos necessários para o atendimento de públicos que se modificam a cada dia presentes no contexto escolar. Dessa forma, reitera ainda que o advento da sociedade contemporânea implicou na caracterização de uma escola ameaçada por suas práticas tradicionais, obrigando-a a buscar uma construção cognitiva de maior eficácia para este novo modelo de sociedade.

Mesmo tendo sido desenvolvida por Alfred Binet no início do século XX, Howard Gardner foi o grande estudioso que aprofundou os estudos sobre a Teoria das Inteligências, dando maior ênfase acerca das pesquisas quanto à mente humana no tocante ao desenvolvimento da inteligência em buscar a resolução de problemas. Sua

teoria foi amplamente discutida e aplicada em face ao processo de ensino-aprendizagem valorizando a individualidade dos educandos (DONIZETI, et al, 2013).

A ilustração abaixo aponta os nove tipos de inteligências que Gardner (2000) apresentou com o aprofundamento de seus estudos:



Fonte: Página Brasil Escola³

Tais inteligências se desenvolvem a partir das características biológicas e da interação promovida com o meio, de modo que a construção do aprendizado aconteça fora de uma linha tênue observando cada indivíduo em sua particularidade, onde tais processos de aprendizagens não seguem uma linearidade (GARDNER, 2000). Ainda de acordo com Gardner, as diferenças genético-biológicas, não se reparam com um ambiente que estimule as habilidades, mas com propostas de atividades que suscitem o prazer pelo aprendizado. Talvez por esse motivo, a Gestão do Conhecimento tende a defender o pressuposto de ambientes de aprendizagem, como veremos

A GESTÃO DO CONHECIMENTO PARA A APRENDIZAGEM

Para abordar sobre Gestão do Conhecimento faz-se necessário mencionar sobre o que seus principais formuladores entendem por Conhecimento. Ao poder ser tratado como informação, produção cognitiva, experiências diárias, habilidades e competências

³ Disponível em: <<https://educador.brasilecola.uol.com.br/orientacoes/inteligencias-multiplasnovo-conceito-educacao.htm>>. Acesso em: 19 jul. 2020.

ligadas à capacidade de desenvolvimento de aprendizado aliado à produção de ciência, o termo “conhecimento” empregar-se-á em diversas conotações dada à realidade em que for aplicado, sendo passível de dificuldade explicativa (SVEIBY, 1998).

Analisado por esse viés, o conhecimento passa ser compreendido pelas organizações como um recurso, com o objetivo de captura-lo e gerencia-lo, a fim de ser aplicado na produção de bens e serviços. Assim, o conhecimento se faz presente com a denominação de Conhecimento Ativo, descrito pela a *Asian Productivity Organization* (APO, 2010) como um dos elementos de produção mais importante a fim de alavancar a produção com foco geração de capital.

Por conseguinte, Moreira e Barbosa (2020) enfatizam que o conhecimento se caracteriza como uma ferramenta valorativa construída pelo envolvimento relacional dos indivíduos no seio das organizações, que atualmente pelo surgimento das novas tecnologias, atingem públicos maiores a cada dia, oportunizando a aproximação de realidades distantes complementares. Assim, reiteram a importância do conhecimento acima dos bens tangíveis, como quaisquer materiais físicos presentes em uma organização. Eles asseguram que a junção dos saberes cognitivos e as habilidades individuais reveladas pelos conhecimentos tácitos e posteriormente refletidas no conhecimento explícito, contribuem exponencialmente quanto à geração de crescimento lucrativo para a organização (MOREIRA; BARBOSA, 2020)

Kianto e Andreeva (2014) enfatizam que o conhecimento delimita-se como principal agente de movimentação da concorrência empresarial e por esse motivo, merece maior ênfase gerencial a fim de se obter melhores resultados. Dessa maneira, o gerenciamento das habilidades das pessoas torna-se significativo a fim de que estas sejam inseridas ao contexto de trabalho das empresas.

Dessa maneira, a Gestão do Conhecimento é entendida como uma ferramenta capaz de facilitar o processo de criar/compartilhar conhecimentos que sejam importantes para o crescimento competitivo organizacional. O emprego da Gestão do Conhecimento tem função de ampliar a expansão administrativa para que se agreguem novos valores aos produtos e serviços evidenciando uma nova maneira de empregar e aplicar o conhecimento.

A esse respeito, Seaton Moore e Bresó Bolinches (2001) evidenciaram que a Gestão do Conhecimento ainda pode ser conceitualizada por uma dupla perspectiva: uma que se preocupa com o crescimento e aprimoramento relacionado aos métodos de aprendizagem e crescimento organizacional e àquela na qual seu fator preponderante

está na profícua preocupação da geração de recursos financeiros. Entende-se, então, que a aprendizagem valorizada dentro de uma organização, é papel fundamental da Gestão do Conhecimento, promovendo um movimento de saída de zonas de confortos gerenciadas pela busca de uma aprendizagem mais eficaz.

Considerando a apresentação teórica acerca de Gestão do Conhecimento, infere-se que a aprendizagem, organizacional ou não, ligada ao processo de criação do conhecimento como fator de impulsão capital, decorre da aprendizagem individual. Em virtude disto, a aprendizagem organizacional surge pela interação entre os indivíduos, conduzida por um gerenciamento caracteristicamente tradicional, porém, predominantemente interacionista/comportamentalista, promovendo então um conhecimento inovador como ponto fulcral do crescimento da competitividade das organizações (NONAKA; TAKEUCHI, 1997).

CONSTRUTIVISMO E GESTÃO DO CONHECIMENTO

O Construtivismo é caracterizado pela maneira como o sujeito da aprendizagem se posiciona em relação ao outro para a compreensão de suas ações e tomada de decisão. Nessa perspectiva o sujeito está em movimento constante de compreensão de sua realidade apoiado em suas experiências contrapostas ao novo para a tomada de suas decisões. Assim, observa-se uma linha interacionista, em que o sujeito e o objeto são indissociáveis à medida que possui sua integridade composta pelo objeto responsável de sua criação e desenvolvimento histórico (VYGOTSKY, 1998).

Na publicação de Donizeti, *et al.*, (2013), aborda-se uma apresentação a respeito da Gestão do Conhecimento numa visão construtivista em que Stano e Leite (2001), fazem um alinhamento entre Jean William Fritz Piaget (1896-1980) e Lev Semyonovich Vygotsky (1896-1934) ao tratarem, respectivamente, sobre o caráter biológico associado ao meio e sobre o caráter sócio-iteracionista resultante das trocas de experiências e vivências do cotidiano. Os elementos da vida diária vão se agrupado e tomando novo formato acerca das construções cognitivas e, conforme Landry (1995), essa formação representativa ganha constructos mentais graduais apoiados pela realidade vivida.

A respeito desse assunto, Stano e Leite (2001) abordam a relação processo ensino e aprendizagem, na teoria construtivista, por uma inserção nova de se fazer

educação, pelo fato de enfatizar a importância de que conhecimento se constrói pela interação indivíduo/meio, sendo sempre um processo dinâmico. Essa linha teórica pressupõe a participação ativa do indivíduo na construção de seu aprendizado por meio da experimentação e também pela busca em novas fontes sobre o que necessita aprender.

Dessa forma, ampliar-se-á pela sua prática a proximidade e compreensão da função dos objetos e a expansão das características que dão sentido ao seu mundo. Assim, a aprendizagem vai se desenvolvendo por um processo mútuo entre pares considerando a troca de conhecimentos que podem conflitar ou não com as vivências e formações sociais de cada um. Ao considerar o indivíduo ativo no que se refere à participação na construção da realidade, enfatiza-se a necessidade de se valorizar os erros como um fator de crescimento e de oportunidade de abstração.

A esse respeito, Mizukami (1986) apresenta o Construtivismo sob uma perspectiva na qual o indivíduo é um agente ativo quanto à aprendizagem capaz de reconstruir pelas suas experiências o ambiente externo, considerando toda essa ação como um aprendizado oriundo da interação. Alinhados a esse pressuposto teórico construtivista, Nonaka e Takeuchi (1997) imprimem valor no que diz respeito à produção de conhecimento pela interação social dada sua notória importância quanto valorização da criatividade e identificação pessoal com as aspirações organizacionais.

Quanto a aprendizagem, deve-se enfatizar que os indivíduos são formados por suas particularidades e estas não são separadas de suas reformulações construtivistas e, pensando em organizações, o processo de aprendizagem se dá pela mesclagem dessas particularidades com as políticas organizacionais. Esse produto resulta então de uma junção dessas duas características, porém, construtivismo não se correlaciona com liberdade desregrada, mas com um sistema de troca favorável entre pares.

Analisado no contexto escolar, o construtivismo deve ser uma ferramenta de construção de conhecimento, onde o professor seja um agente ativo tanto quanto o aluno, pois conforme Almeida (2015, p.1):

As práticas e desafios sobre a forma de ensinar estão cada vez mais voltados para as necessidades e realidades vivenciadas pelos alunos, de acordo com sua comunidade e meio social. Mas a ação do professor precisa estar embasada também em fins pedagógicos de amplitude, pois trabalhar somente o meio social do aluno pode significar que a intenção da escola é aprisioná-lo numa realidade limitada, onde o mesmo não poderia ser nada além do que previsto por ela.

Atualmente, a sociedade capitalista anseia por uma renovação e transformação da produção de bens e serviços e, para tanto, implica a aplicação indissociável de indivíduo e ambiente. Entende-se que ambos se interligam pela geração contínua de informação, considerando ainda, não menos importante, que fatores emocionais ligados a sentimentos, são sempre influenciadores no resultado final dos processos organizacionais e de aprendizagem (MARILYN FERGUSON, 1980).

A aprendizagem organizacional advém de estudos da década de 1960, dando base para a discussão sobre Gestão do Conhecimento. Esta ramificação da aprendizagem decorre da contribuição das distintas vertentes teóricas que elucidam o entendimento do processo de cognição humana e sua inteligência (CYERT; MARCH, 1963).

Conforme Nogueira e Odélius (2015), as empresas e organizações, com foco na aprendizagem, devem a cada dia dar maior importância a um ritmo de aprendizagem mais acelerado que acompanhe a necessidade do mercado, daí advém a importância da memória coletiva organizacional, adaptada progressivamente pela apresentação de novas formas de pensar o trabalho e suas diversas propostas. Por esse viés, tratar-se-á Aprendizagem e Conhecimento como elementos que se completam, onde um elemento é fundamental para a geração do outro, são dependentes entre si. (CYERT; MARCH, 1963).

Para tratar sobre a relação entre a Teoria Construtivista e Gestão do Conhecimento, utilizar-se-á por base dois dos principais pesquisadores sobre o campo de estudos em Gestão do Conhecimento, Ikujiro Nonaka e Hirotaka Takeuchi (1997). Elucidada as características do Construtivismo com as inferências valorativas que dela decorrem para o processo de aprendizagem a partir da interação entre os indivíduos e sujeito/objeto, apresenta-se sua relação à Gestão do Conhecimento com foco no Modelo SECI (Socialização, Externalização, Combinação e Internalização) de Nonaka e Takeuchi (1997).

Gonzales e Martins (2017) indicam que alinhamentos teóricos mais profícuos sobre a Gestão do Conhecimento se deram a partir de 1990, valorizando o enfoque no processo que estimulasse a propagação do conhecimento, embasado na aplicabilidade e reanálise do conhecimento. Nonaka e Takeuchi (1997) apresentam o conhecimento em dois delineamentos: conhecimento tácito e conhecimento explícito, ambos ligados sequencialmente e de primordial importância ao modelo por eles proposto.

O Modelo Espiral do Conhecimento Nonaka e Takeuchi (1997), explicita como o conhecimento é adquirido, aperfeiçoado e difundido entre as pessoas pelo processo de interação.



Fonte: <http://gpparaconcursos.blogspot.com.br/> Baseado em Nonaka e Takeuchi (1997).

Esse processo de conversão cíclica por meio internalização, socialização, externalização e combinação, possibilita a geração e conversão do conhecimento chamado de Tácito e Explícito. Assim, para Polanyi (1962, p .17), “[...] o ato de conhecer inclui uma avaliação; e esse coeficiente pessoal, que molda todo conhecimento factual, faz com que a disjunção entre subjetividade e objetividade seja atravessada”, caracterizando o conhecimento tácito como algo intuitivo, de inviável codificação e verbalização.

No que diz respeito ao conhecimento explícito, Fleury (2002, p. 139) afirma que “[...] O conhecimento explícito, ou codificado, refere-se ao conhecimento transmissível em linguagem formal, sistemática, [...]”. Este conhecimento identifica-se por sua fácil disseminação, seja no âmbito escolar ou empresarial, no tocante à aprendizagem (FLEURY, 2002).

Na fase da Internalização ocorre a transformação do conhecimento explícito em tácito, isto exemplifica-se como quando se aprende algo novo advindo de uma informação recebida e desenvolve-se uma nova habilidade, esta passa a ser parte do conhecimento pessoal individual, seu diferencial. Quanto a Socialização, o conhecimento já internalizado (tácito), é repassado à outra pessoa por meio da interação

entre os pares e/ou pela realização de outra forma de transmissão mesmo que não haja interação direta (NONAKA; TAKEUCHI 1997).

Na externalização, o conhecimento tácito torna-se explícito a partir de seu compartilhamento, haja vista que o conhecimento já está posto num repositório e pode ser direcionado à outros locais por meios de comunicação aliados à tecnologias. Na última fase, Combinação, a proposta é de se usar um conhecimento que já passou pelos processos anteriores, a fim de modifica-lo para um refinamento e adequação de aplicabilidade em outro contexto (NONAKA; TAKEUCHI 1997).

A partir dessa exposição cíclica de Nonaka e Takeuchi, é possível perceber a relação entre Gestão do Conhecimento e a Teoria Construtivista de modo que todo o processo de desenvolvimento do ciclo vai ao encontro daquilo que é base da teoria: a interação. O conhecimento se produz pela troca, pela mediação sujeito-objeto, observando a importância que deve ser dado ao que o indivíduo já sabe e a valorização de sua aprendizagem identificando-o como parte de todo processo e fazendo-o perceber-se como componente indissociável dessa construção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como proposta buscar, através de uma análise bibliográfica, estabelecer uma relação entre Gestão do Conhecimento e a Teoria Construtivista a partir da leitura do artigo *Teorias da Aprendizagem e Gestão do Conhecimento: um alinhamento Teórico*. A relação entre Gestão do Conhecimento e Teoria Construtivista evidencia que cada indivíduo constrói seu conhecimento por meio das suas percepções e das suas experiências, advindas de conhecimento prévio, tácito.

Nesse sentido, o construtivismo e a Gestão do Conhecimento se relacionam, uma vez que o crescimento da sociedade capitalista valoriza o conhecimento de cada pessoa como um bem ativo que agrega capacidade de crescimento e gera maior competitividade mercadológica. As etapas cíclicas do modelo de Gestão do Conhecimento apontadas nesse trabalho denotam que a construção individual considerando sua capacidade de interação com o outro, é fator preponderante à aprendizagem mútua.

Apesar de a interação social ser uma ferramenta significativa para a construção/expansão/compartilhamento do conhecimento, esta ainda precisa ser de fato

valorizada e gerida para que haja o desenvolvimento que cada organização prevê em seu plano empresarial, a considerar ainda, a cultura de cada indivíduo como soma valorativa de conhecimento, que vem sendo foco de estudos da Gestão do Conhecimento enquanto ferramenta de crescimento como uma nova de gerir e administrar negócios e processos de criação e oportunização de aprendizagem.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, H. **A didática no ensino superior: práticas e desafios**. Revista Estação Científica, Juiz de Fora, MG, jul./dez. 2015. Disponível em: <https://portal.estacio.br/docs%5Crevista_estacao_cientifica/07-14.pdf>. Acesso em: 31/08/2020.

A Cultura Organizacional como fator crítico de sucesso à implantação da Gestão do Conhecimento em Organizações. SANTOS, Vanessa Cristina Bissoli. DAMIAN, Ieda Pelogia Martins. VALENTIM, Marta Lígia Pomim. Inf. & Soc.:Est., João Pessoa, v.29, n.1, p. 51-66, jan./mar. 2019.

Asian Productivity Organization (APO). (2010). **Knowledge Management Tools and Techniques Manual**. Tokyo: APO.

BARROS, Jussara. **Inteligências Múltiplas – Novo Conceito Em Educação**. Disponível em < <https://educador.brasilescola.uol.com.br/orientacoes/inteligencias-multiplasnovo-conceito-educacao.htm>> Acesso em: 06/07/2020.

CARVALHO, F. C. A. **Gestão do conhecimento**. São Paulo: Person, 2012.

CHOO, C. W. **The Knowing organization: how organizations use information to construct meaning, create knowledge and make decisions**. 2. ed. New York: Oxford University Press, 2006.

Construtivismo - Linha Construtivista, em *Só Pedagogia*. Virtuoso Tecnologia da Informação, 2008-2020. Consultado em 08/07/2020. Disponível em: <<http://www.pedagogia.com.br/conteudos/construtivista.php>>. Acesso em:

CYERT, R. M.; MARCH, J. G. **Behavioral Theory of the firm**. Englewood Cliffs, N. J.: Prentice-Hall, 1963.

FIALHO, F. A. P.; MACEDO M.; SANTOS, N.; MITIDIERI, T. C. **Gestão do conhecimento e aprendizagem: as estratégias competitivas da sociedade pós-industrial**. Florianópolis: Visual Books, 2006.

FLEURY, Maria Tereza Leme. **As pessoas na organização**. São Paulo: Gente, 2002.

Gestão do Conhecimento nas Organizações: uma análise do Investimento em Ativos Intangíveis nas maiores Empresas Brasileiras. MOREIRA, Cristiano.

BARBOSA, Ricardo Rodrigues. Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional G&DR. V. 16, N. 2, P. 433-445, mai-ago/2020. Taubaté, SP, Brasil. ISSN: 1809-239X. Disponível em:<
<https://www.rbhdr.net/revista/index.php/rbgdr/article/view/5581/960>> Acesso em: 27/08/2020.

GARDNER, H. Inteligência: **Um conceito reformulado**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001._____. The Complete Tutor. **Technos: Quarterly for Education and Technology**, v. 9, n. 3, p.10-13, 2000.

GLEISER, Marcelo. “**Velocidade da Informação Desafia Educação Moderna**”. *Folha de São Paulo*, 4 out. 1998.

GONZALES, R. V. D.; MARTINS, M. F. **O Processo de Gestão do Conhecimento: uma pesquisa teórico-conceitual**. *Gestão & Produção*, São Carlos, v. 24, n. 2, p. 248-265, 2017.

KIANTO, A., & ANDREEVA, T. (2014). **Knowledge management practices and results in service oriented versus product-oriented companies**. *Knowledge and Process Management*, 21(4), 221-230.

LANDRY, M. **A note of the concept of 'problem'**. *Organization Studies*, v.16, n.2, p.315- 343, 1995.

NOGUEIRA, R. A.; ODELIUS, C. C. **Desafios da pesquisa em aprendizagem organizacional**. *Cadernos EBAPE. BR* , v. 13, n. 1, 2015.

OSTERMANN, Fernanda.; CAVALCANTI, Cláudio, J.H.C. **Teoria de aprendizagem**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011.

POLANYI, M. **The tacit dimension**. London: Routledge & Kegan Paul, 1966.

MIZUKAMI, M. G. N. (1986). **Ensino: as abordagens do processo**. São Paulo: EPU.

MORAES, Cássia Regina Bassan de; FADEL, Bárbara. **Gestão do Conhecimento na Organizações: perspectivas de uso da Metodologia Sistêmica Soft (Soft Systems Methodology)**. In: VALENTIM, Marta (org.). *Gestão, mediação e uso da informação*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p. 33-57. Disponível em: <
http://www.culturaacademica.com.br/_img/arquivos/Gestao_mediacao_e_uso_da_informacao.pdf>. Acesso em 18/05/2020.

NONAKA, I. (1997). **A empresa criadora de conhecimento**. In K. Starkey (Org.). *Como as organizações aprendem: relatos do sucesso das grandes empresas*. São Paulo: Futura.

NONAKA, Ikujiro; TAKEUCHI, Hirotaka. **Criação do Conhecimento na Empresa: Como as Empresas Japonesas Geram a Dinâmica da Inovação**. Rio de Janeiro: Ed. Campus,1997.

POLANYI, M. **Personal knowledge**. Chicago: The University of Chicago Press, 1962.

SALOMON, Délcio Vieira. **Como fazer uma monografia**. 11a ed. São Paulo: Martins Fontes; 2004.

COSTA, Yrlan Henrique dos Santos . FERMOSELI, Andre Fernando de Oliveira. LOPES, Andressa Pereira. **Análise do comportamento no processo de ensino aprendizagem na educação**. Caderno de Graduação-Ciências Biológicas e da Saúde-UNIT-ALAGOAS, v. 2, n. 1, p. 213-226, 2014.

SEATON MOORE, Carlos Enrique; BRESÓ BOLINCHES, Salvador. **El desarrollo de un sistema de gestión del conocimiento para los institutos tecnológicos**. Revista Espacios, v. 22, n. 3, 2001. Disponível em: <<https://www.revistaespacios.com/a01v22n03/01220321.html>> Acesso em: 22/05/2020.

SKINNER, B. F. **Ciência e comportamento humano**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

SOUZA, Donizeti Leandro. SOUSA, Suelen. FERRUGINI, Lílian. ZAMBALDE, André. **Teorias da aprendizagem e gestão do conhecimento: um alinhamento teórico**. Disponível em: < <https://periodicos.uff.br/pca/article/view/11153/7948>>. Acesso em: 10/04/2020.

STANO, R. C. M. T; Leite, V. F. A Teoria da gestão do conhecimento sob um olhar construtivista. In: Anais do 4º Simpósio Internacional de Gestão de Documentos. Curitiba, 2001

SVEIBY, K. E. **A nova riqueza das organizações**. Rio de Janeiro: Campus. 1998.

Teoria das Inteligências Múltiplas: Conhecimento Significativo para uma Nova Prática Avaliativa. SILVA, Luiz Carlos Rodrigues. Revista internacional de audición y lenguaje, logopedia, apoyo a la integración y multiculturalidad. ISSN: 2387-0907, Dep. Legal: J -67- 2016 Volumen 2, Número 2, abril 2016. Disponível em:< <https://150.214.170.182/index.php/riai/article/view/4208/3433>> Acesso em: 27/08/2020.

VIGOTSKY L. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.